



CONSIDERAÇÕES GEOPOLÍTICAS

Wintceas Villaça Barbosa de Godois

"... A aliança de todos os oceanos..."

Ray S. Cline

No mundo de pós-guerra, o ensaio "O Pivô Geopolítico da História", do ilustre professor inglês Sir Halford John Mackinder¹, assumiu um interesse extraordinário, pois, a ascensão da URSS como potência mundial, em nível nunca antes registrado em sua história, veio atribuir àquele trabalho uma previsão profética.

Sua teoria do Poder Mundial baseada no "heartland" eurásiano parece vir se consolidando, à proporção que aquele país acumula força e prestígio e expande sua influência política e militar.

A despeito, contudo, desses acertos e de suas perspectivas, gostaríamos, no presente artigo, de apresentar certas considerações, ao nosso ver, restritivas à concretização dessa pretensa hegemonia:

- a revolução tecnológica;
- a guerra nuclear;
- a instabilidade como fator de contenção, e

— a autodesintegração do monolitismo soviético.

Antes, porém, de justificarmos nossa posição, julgamos valiosos alguns comentários sobre o mundo político e as relações econômicas existentes no fim do século passado e no início deste, configurando o quadro testemunhado e estudado por aquele eminente geógrafo e geopolítico.

A TRANSIÇÃO DOS SÉCULOS

O período de transição dos dois últimos séculos apresentava as seguintes e principais características:

— o apogeu, após a guerra franco-prussiana de 1870, do expansionismo imperialista das potências marítimas ocidentais (Inglaterra, França, Holanda, Itália, além de Espanha, Portugal e Bélgica); esse expansionismo atinge o continente africano, o asiático, parte do americano e o oceano Pacífico;

— o fortalecimento político-econômico das potências centrais da Europa (Alemanha e Áustria); o rápido crescimento industrial da Alemanha, mormente após a derrota da França; disputas de mercados com a Rússia nos Bálcans, e com as demais potências ocidentais, no resto do mundo; o renascimento do forte espírito militarista prussiano;

— a colonização russa do leste, através da Sibéria, fracamente povoada; a construção da estrada de ferro transiberiana; as disputas territoriais na Mandchúria com o Japão, potência marítima emergente; a derrota russa na guerra russo-japonesa de 1905 e a conseqüente continentalização do Japão no sul da Mandchúria e na Coréia;

— maior penetração das doutrinas socialistas nos países mais desenvolvidos da Europa;

— rápido desenvolvimento econômico dos EUA; sua necessidade de novos mercados consumidores; seu expansionismo no Pacífico e no Caribe; o emprego da "Doutrina Monroe" na guerra hispano-americana.

No campo técnico-científico, as seguintes descobertas ou transformações vinham se processando:

- a descoberta do telégrafo-sem-fio;
- a descoberta da radioatividade;
- os vôos dos balões e dos primeiros dirigíveis;
- o desenvolvimento da navegação a vapor e das ferrovias;
- o desenvolvimento dos primeiros automóveis, etc.

Expostos de maneira extremamente reduzidos, esses, de certo, devem ter sido os condicionantes essenciais para os estudos geopolíticos de Mackinder, a que somou a genialidade de seu arguto espírito científico, na análise dos fenômenos sócio-econômicos e políticos in-

terrelacionados com a Geografia das principais regiões do mundo.

O "HEARTLAND"

Atentando-se para o resumo acima, e, considerando-se o relativamente atrasado nível tecnológico da época, é simplesmente formidável a essência de sua teoria (ver figura 1):

"Quem domina a Europa Oriental, controla o coração continental (heartland); quem domina o coração continental controla a ilha-mundial; quem controla a ilha-mundial, controla o mundo."²

Embora, geograficamente, o "heartland" esteja deslocado mais para leste das potências centrais européias e da URSS ocidental, tal fato, por si só, não invalida a concepção. Impensado pelo "paredão ártico" ao norte, qualquer povo central, à proporção que suas necessidades o exigirem, crescerá sempre "para fora", buscando o espaço vital ou os recursos naturais de que carece. Nesse movimento contínuo e irreversível, a expansão atingiria os Bálcans e o Oriente-Médio, penetrando na África; a leste se estenderia aos mares quentes do Pacífico; no ocidente, a Europa não escaparia ao seu controle. Seria o Império do Mundo, o domínio de 3/4 partes das terras do Globo.

Mas, o que teria levado Mackinder, no início do século, a pensar dessa forma?

Que conjunto de dados e informações — econômicos, sociais, geográficos, políticos — disporia sobre as mais longínquas regiões dos continentes, que lhe possibilitassem formular uma teoria tão aceitável?

Comparativamente ao nosso mundo atual, a Ásia, a África e mesmo a Améri-

ca do Sul daquela época, eram continentes quase desconhecidos, a despeito das inúmeras possessões européias já existentes na Ásia e na África.

Considerando que a maioria dessas possessões limitava seus interesses à faixa marítima, e, portanto, sem significativas penetrações científicas pelo interior, acreditamos que a análise dos inter-relacionamentos das diversas atividades humanas nesses territórios era relativamente incompleta. Como incompletas nos parecem as constatações de abundâncias e as localizações das fontes de matérias-primas nas "terras marginais ou nos crescentes externo e interno".

Temos, assim, a impressão de que não teria sido a imensa riqueza disponível do mundo — e à espera de quem fosse conquistar — a base de formulação da teoria do "heartland". Esta teria se

formado à luz de considerações essencialmente políticas (embora suas origens tivessem sofrido fortes pressões econômicas).

O acelerado impulso desenvolvimentista da indústria siderúrgica alemã, depois de 1870, obrigou-a à conquista de novos mercados, levando-a à política de expansão colonialista na África e na Ásia, e a projetar seus interesses econômicos muito além de suas fronteiras geográficas, sem o devido respaldo de um forte Poder Naval que lhe permitisse fazer frente às potências marítimas tradicionais e garantisse seus acordos e alianças.

A despeito da poderosa esquadra mandada construir pelo Kaiser Guilherme II (e que só viria a atuar na 1ª Grande Guerra), a Alemanha, juntamente com a Áustria-Hungria e a Rússia sempre pos-

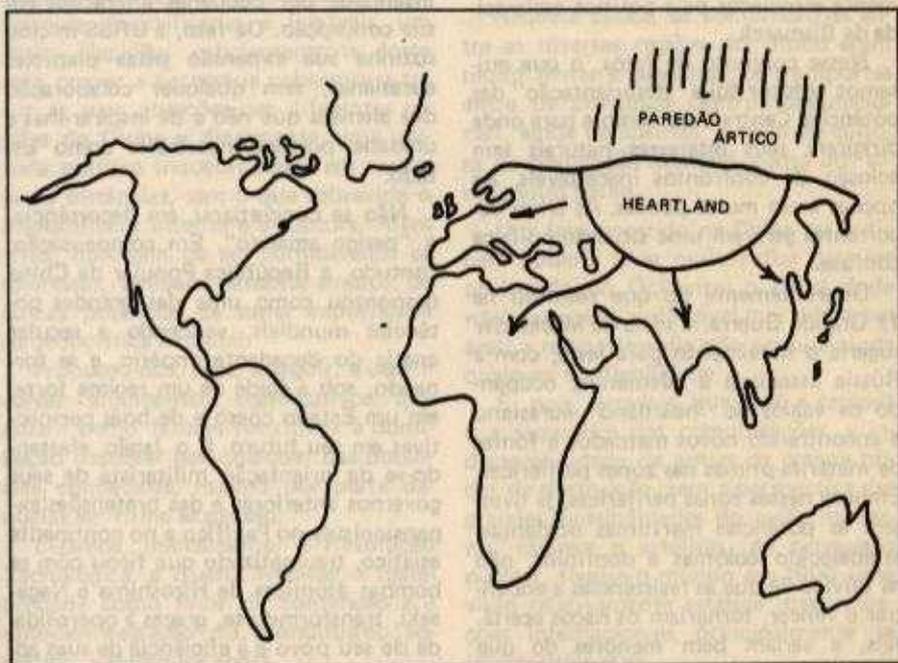


FIGURA 1

suíram uma mentalidade continental, talvez pelo infortúnio geográfico de suas saídas para os grandes oceanos serem facilmente bloqueadas nos estreitos da Dinamarca e nos de Bósforos e Dardanelos.

Nesse sentido, nada mais lógico que o expansionismo dessas potências centrais se orientasse principalmente para leste, através das imensas planícies siberianas ou para o sul, através dos Bálcans, atirando com os limites físicos do Império Otomano.

Com efeito, a reorientação desses movimentos expansionistas contribuiria, em seguida, para a deflagração da 1ª Guerra Mundial. Derrotada pelo Japão em 1905, na batalha naval de Tsushima, a Rússia, por precariedade de meios, viu-se contida no leste³, e voltou-se para os Bálcans, colidindo com os interesses alemães e austríacos nessa região e provocando a cisão dessas potências tão habitualmente associadas pela política esclarecida de Bismarck.

Nesse conjunto de fatos, o que quisemos enfatizar foi a "desorientação" das potências Centrais em como e para onde dirigirem seus interesses naturais sem eclosão de confrontos inaceitáveis. As opções eram muito poucas. As crises decorrentes geraram uma situação política confusa.

Diferentemente do que resultou na 1ª Grande Guerra, a idéia de Mackinder sugeria o movimento para leste, com a Rússia associada à Alemanha, ocupando os vazios do "heartland" eurasiático e encontrando novos mercados e fontes de matérias-primas nas zonas periféricas. Embora nessas zonas periféricas, já tivessem as potências marítimas ocidentais estabelecido colônias e domínios, não há dúvida de que as resistências a encontrar e vencer, tornariam os riscos aceitáveis, e seriam bem menores do que

orientar a expansão em qualquer outra direção, e a custos bem mais altos, como ficou posteriormente comprovado.⁴ Nesse aspecto, a visão de Mackinder foi de extrema clarividência.

Ainda em seu trabalho, como a contrapor ao que seria um movimento de oeste para leste, ele levantou o problema do "perigo amarelo", configurando um movimento em sentido inverso, em que uma China associada ao Japão e sob o controle deste, poderia penetrar na região do "heartland", atingindo a Europa. E o fez contra a opinião generalizada da época⁵, demonstrando toda a sua independência de cientista e a sua sensibilidade às evoluções de civilizações consideradas, então, em plano bastante secundário.

A realidade, passados três lustros de História, vem demonstrando, com efeito, os acertos da tese de Mackinder, não invalidada por pequenas alterações em sua concepção. De fato, a URSS iniciou sozinha sua expansão pelas planícies eurasiáticas, sem qualquer colaboração dos alemães que não a de inspirar-lhes a unidade política necessária como Estado.

Não se concretizou, em decorrência, o "perigo amarelo". Em compensação, contudo, a República Popular da China despontou como uma das grandes potências mundiais, vencendo a secular apatia do decadente império, e se tornando, sob a égide de um regime forte, em um Estado coeso e de boas perspectivas em seu futuro. E o Japão, afastando-se da orientação militarista de seus governos anteriores e das pretensões expansionistas no Pacífico e no continente asiático, traumatizado que ficou com as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki, transformou-se, graças à operosidade de seu povo e à eficiência de suas ad-

ministrações que souberam aproveitar a ajuda econômico-financeira dos EUA após a 2ª Grande Guerra, em uma das maiores potências industriais da Terra, logo abaixo dos próprios EUA e da URSS.

Portanto, se o "perigo amarelo", no sentido que Mackinder lhe emprestou, se desvaneceu, ele permanece como uma ameaça séria e eficaz no flanco oriental da URSS (o trunfo chinês) como veremos mais adiante.

A abrangência da tese, no entanto, no que se refere à dominação mundial pelo país que dominar o "heartland", encontra, de nossa parte, uma certa resistência. Essa resistência, talvez mesmo desconfiança de sua impossibilidade, decorre do próprio gigantismo da tarefa. Exigiria do "heartland", no caso a URSS, objetivos estratégicos muitíssimo amplos, políticas e estratégias globais bastante diversificadas e flexíveis, um Poder Nacional suficientemente forte para prover a necessária cobertura a todas as suas atuações nas diferentes regiões do Globo e, finalmente, uma unidade política inquebrantável em vastíssimas distâncias, sem o que sobreviria o desequilíbrio interno e a ruptura. Além disso, haveriam de ser considerados os interesses, também bastante amplos, de outras potências de suma importância na geopolítica mundial.

Propomo-nos, pois, a seguir, a desenvolver argumentos significativos que atuam como fatores restritivos à dominação mundial por qualquer das potências conhecidas, mesmo por parte daquelas em firme expansão.

Citamos, inicialmente, a Revolução Tecnológica, a Guerra Nuclear, a Instabilidade como fator de contenção e a autodesintegração do monolitismo soviético. Vejamo-los agora.

A REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA

A Revolução Industrial, iniciada no século XVIII, é aceita como o principal impulsor do rápido desenvolvimento do mundo nos dois últimos séculos. Há quem avance, afirmando que a Era Nuclear iniciou a segunda grande revolução — a Revolução Tecnológica.

Por razões que posteriormente ficarão mais claras, trataremos, contudo, o problema nuclear separadamente.

Ninguém em sã consciência poderia, no início do século, acreditar na viabilidade do avião supersônico, dos foguetes interplanetários, dos satélites artificiais, do submarino nuclear, dos mísseis intercontinentais, das bombas nucleares e de neutrons, da televisão, das pesquisas genéticas, dos raios laser, da cibernética, e de outras grandes descobertas do conhecimento humano.

Naquela época, as comunicações entre as diversas regiões do Globo eram muito lentas e precárias; os transportes entre os principais centros populacionais, ainda deficientes; o nível de cultura da população mundial, como um todo, muito baixo.

Um fato ocorrido na China ou Índia bem poderia levar muitos dias para ser conhecido no Ocidente; o rádio ainda não aparecera; o dirigível mal subira aos ares; a radiotelegrafia não possuía ainda qualquer confiabilidade.

É, pois, provável que, sem a rapidez e a segurança das comunicações, a indisponibilidade de armas de grande poder de destruição, sem a perspectiva das grandes possibilidades do avião moderno, mísseis e satélites, da propulsão nuclear, tivesse o mundo em 1900 uma visão relativamente estática das interações internacionais, principalmente se intercontinentais.

O mundo girava em torno das navegações marítimas e dos deslocamentos terrestres. O primeiro, basicamente à vela e a vapor; o segundo, com as ferrovias — nos centros mais desenvolvidos — e com a tração animal — no restante habitável.

Comparativamente aos dias atuais, um mundo lento e desinformado, ou, para ser otimista, um mundo informado com muito retardo.

No mundo moderno, o elevado nível da tecnologia alterou substancialmente as medidas de tempo e distância.

As comunicações espaciais permitem a instantaneidade dos fatos. Meios de transportes — mais rápidos possibilitam deslocamentos em questão de minutos ou de horas, dependendo das distâncias. Cálculos matemáticos intrincados são resolvidos em fração de segundos pela notável cibernética.

Uma infundável série de nossas modernidades (que assombrariam o mundo da primeira década deste século), poderiam ser exaustivamente enumeradas nos mais variados setores das atividades humanas.

Elas caracterizam a nossa atualidade pelo acentuado dinamismo das forças atuantes, impelindo-nos a um quadro de realidades em contínua mutação, a velocidades cada vez maiores.

Não há mais aquele sentido "estático" de forças. Muitas idéias e concepções são postas em prática, antes mesmo de seu amadurecimento.

A dinâmica das relações internacionais e as freqüentes interações entre interesses nacionais diversos tornam bastante difícil a análise do Poder Mundial, ante o número ponderável de possibilidades.⁶

O estrategista moderno, o analista político, o geopolítico, como todo cientista de qualquer campo de atividade,

se vêem forçados a pesquisar profundamente todas as condicionantes de um dado problema, antes de seu equacionamento e solução. Muitas vezes lutam com a fluidez de dados e informações nem sempre existentes ou reais, como no caso das jovens nações da África e Ásia, na esfera social.

A distância entre o perceptível e o real, muitas vezes se torna imprecisa e mesmo indefinida.

Mas, fato inconteste, estamos, hoje em dia, bem à frente da gama de conhecimentos do início do século.

Matérias-primas tidas anteriormente como só disponíveis nos continentes africano e asiático, de há muito foram encontradas em outros continentes também. Bem assinala o professor Cline, em sua conferência proferida em São Paulo em novembro do ano passado, no Seminário Internacional de Política e Estratégia, que "a América do Sul possui em reserva, as mesmas matérias-primas hoje buscadas na África".⁷

Esse fato, por exemplo, é muito importante para o estudo geopolítico, pois, a não exclusividade de uma região em matérias-primas essenciais a um Estado moderno, despota a importância ou grau de interesse nessa região, podendo mesmo torná-la um objetivo estratégico desinteressante, se altos riscos tiverem de ser considerados.⁸

Dessa forma, a tecnologia, propiciando ao homem maiores facilidades e novos conhecimentos, alterou substancialmente a realidade do mundo (como continuará alterando, em seu processo contínuo e incontrolado). O mundo do início do século em nada se compara ao da nossa atualidade, da mesma forma que será ultrapassado por outras realidades futuras.

Por este prisma, o que poderia ter sido uma possibilidade no início do século, poderá não sê-lo hoje, ou em algum prazo previsível.

O controle eurasiático do mundo poderá ter sido uma possibilidade bastante aceitável na primeira década do século.

Mas não o seria hoje.

Os modernos e rapidíssimos meios de comunicações e transportes, os armamentos sofisticados de longo alcance e elevado poder de destruição, e principalmente, o generalizado sentimento de nacionalismo ou regionalismo de um país ou grupo de países imporiam, no mínimo, sérios obstáculos àquela pretensão.

E isso nos parece válido não só no sentido militar da dominação, mas também nos outros aspectos relacionados com os demais componentes do Poder de uma Nação.

Os movimentos e até mesmo as intenções dos Estados (sejam de natureza econômica, política, militar ou ideológica) são atualmente, percebidos ou constatados com relativa facilidade, possibilitando ao adversário a adoção imediata de medidas neutralizadoras ou impeditivas.

Evidentemente que não pode a tecnologia tomar para si todo o mérito nessa ação restritiva, já que constitui uma das peças, talvez a mais importante, é verdade, de um todo.

Mas é inquestionável que em todas as atividades humanas modernas ela é uma presença constante.

A ERA NUCLEAR

Hiroshima entrou na História em 1945, como Constantinopla em 1453 e a Bastilha em 1789 — a primeira bomba atômica a destruir, iniciando uma nova era — a Era Nuclear.

Com duas guerras mundiais, as potências centrais da Europa conseguiram extinguir os grandes impérios marítimos do Ocidente, criando a oportunidade para o surgimento das duas grandes superpotências atuais — os EUA e a URSS.

Ante a perspectiva de confrontação, armazenaram esses países imensos arsenais nucleares, o suficiente para a destruição mútua, com conseqüências imprevisíveis para o resto do mundo, na antevisão de um verdadeiro holocausto nuclear.

Configurou-se, assim, uma situação de impasse, a que os estrategistas, de um modo geral, cognominaram de "equilíbrio de poder", delineando um quadro em que nenhuma das superpotências se sente interessada no confronto militar direto com a outra, derivando, assim, para outro campo de pressões, seus conflitos e disputas em defesa de seus interesses na área internacional. Dessa forma, no prosseguimento de seus amplos objetivos — a internacionalização do comunismo — vem a URSS se utilizando de outros meios menos visíveis e mais flexíveis: políticos, econômicos e, principalmente, ideológicos.⁹

Sua estratégia é bem definida. As elites do Poder garantem-lhe a constância, através de uma rigidez estrutural inigualável, sem o risco das alternâncias tão comuns dos países praticantes da democracia.

O Ocidente democrático precisa entender que a URSS está em guerra com o mundo não-comunista. A 2ª Grande Guerra forneceu-lhe a excelente oportunidade de consolidação interna de seu regime autocrático da ditadura do proletariado e, também, de se lançar para fora de suas fronteiras geográficas (prudente e timidamente respeitadas até então) e projetar, de forma irreversível, as

suas zonas de influência no oriente da Europa, iniciando a estruturação de um dos maiores impérios de todos os tempos. Sua expansão é contínua e já não atende ao conceito tradicional das fronteiras geográficas. O emprego dos Poderes político, econômico e ideológico e o subsequente controle de países nas mais variadas regiões do Globo, alargam aquele conceito para algo muito mais fluido, de difícil caracterização. A expressão "fronteira de influência" talvez se aplique ao fenômeno.

Se o impasse nuclear tem se mostrado vulnerável a esse tipo de expansão sub-reptícia da URSS, presta-se também à emergência de potências médias regionais, que, embora de importância limitada ainda, vêm se constituindo progressivamente em peças indispensáveis no xadrez da política mundial. Esse aspecto abordaremos, no entanto, mais adiante.

A quebra desse "equilíbrio de poder" por uma das superpotências, pode alterar profundamente o quadro acima esboçado.

Em seu pessimismo, o professor Burke, ex-membro do corpo docente da St. John's University e do College of White Plains, nos EEUU, admite o confronto nuclear direto e irrestrito entre as superpotências no caso de significativo desequilíbrio. Em seu artigo¹⁰, em que cita a afirmação do general estadunidense George Keegan, de que é de 40:1, a razão atual na relação de perdas humanas entre os EEUU e URSS em caso de confronto nuclear irrestrito, o professor Burke deixa bem clara a hipótese. Segundo sua opinião, o retraimento estadunidense em armamento nuclear nos últimos anos, possibilitando uma nítida vantagem para a URSS, bem poderia mover esta superpotência a julgar "acei-

tável" a escalada nuclear, citando, inclusive, algumas estratégias para viabilizá-la.

Embora devamos encarar a opinião do professor Burke com certo ceticismo, não podemos ignorá-la, pois, um vencedor de tal conflito, seria indubitavelmente o Senhor do Mundo, não possuindo as demais potências nucleares, mesmo sob uma súbita aliança, condições de desafiar o vencedor, nem mesmo de equilibrar novamente o Poder. E esse desequilíbrio seria ainda bem maior em caso de vitória da URSS, que detém a supremacia em armamento nuclear no momento.

Concluindo, e a despeito das observações do professor Burke acima, somos de opinião de que a estratégia do "equilíbrio do poder" permanecerá ainda, por um tempo indeterminado, como o principal mantenedor da paz mundial em seu todo, embora apresente vulnerabilidades que viabilizam conflitos regionais, guerras limitadas de curta duração, nas quais, indiretamente, as superpotências se confrontam, seja pela assessoria militar, fornecimento de armamento convencional, suporte financeiro e mesmo político.

Mas a dominação mundial pelo "heartland eurasiático" fica temporariamente contida.

A INSTABILIDADE COMO FATOR DE CONTENÇÃO

Embora faça menção à estimativa do general estadunidense Keegan, o professor Burke, em seu trabalho, prefere utilizar a da Junta de Chefes de Estado-Maior dos EUA, que é significativamente menor, 10:1, expressando que em caso de guerra nuclear irrestrita, para cada 10 milhões de soviéticos mortos,

morreriam 100 milhões de estadunidenses.

Para ele, isso, por si só, significa uma "brecha estratégica" que poderia incentivar os soviéticos à decisão extrema de "pagar para ver". Reforça ainda seu ponto de vista, pela perigosa tendência de tal correlação se ampliar, à vista do mais rápido crescimento do poder nuclear e convencional da URSS: "os EUA seriam levados a uma 'posição insustentável' pelas pressões soviéticas, a um risco mínimo ou modesto para sua própria sobrevivência".

Para fins de nosso artigo, a sua concretização significaria a confirmação inquestionável da tese de Mackinder.

Mas vejamos outros aspectos do problema.

Historicamente, os EUA sempre nortearam sua política externa por interesses econômicos.

Desde a segunda metade do século passado, seus movimentos centrífugos foram de caráter nitidamente imperialistas no Pacífico e no Caribe.

Não entrarão em guerra por outras razões que não as de seus interesses puramente comerciais.¹¹

Manter-se-ão retráidos, praticamente afastados das grandes questões mundiais (não são problemas seus).¹² Evitarão comprometimentos com outras potências ocidentais. Manterão sempre, acima de qualquer questão, o bem-estar de seu povo e a segurança dos seus altos padrões de vida.

Entraram em duas guerras mundiais. Justificaram a atitude, alegando terem sido duramente provocados.

Esse comportamento isolacionista será profundamente alterado após o término da 2ª Grande Guerra.

Superpotência, lançar-se-ão como baluartes dos interesses ocidentais em to-

dos os continentes. Utilizarão todo o prestígio na defesa desses interesses.

Mas, quando decididos à intervenção militar, evitarão se engajar sozinhos nas disputas internacionais. Dividirão responsabilidades com outros países, a exemplo da guerra da Coreia, da 2ª guerra árabe-israelense e das perturbações em S. Domingos.

Essa tendência, em que predomina uma conotação moralista, só seria desvirtuada duas vezes: a primeira, com a rápida intervenção no Líbano em 1958, e a segunda, com a guerra do Vietnã, onde, pela primeira vez, uma superpotência é militarmente derrotada por um país de valor militar inexpressivo, embora diretamente assistido por potências antagônicas.

O desastroso desfecho desta guerra, cujas origens podem ser atribuídas à débil Vontade Nacional estadunidense de se envolver em uma guerra que não era deles, trouxe consigo duas conseqüências importantes:

— econômica: com o imediato descontrole da economia ocidental e seus reflexos nas economias dependentes ou complementares, causados pelos elevados custos daquela guerra,

— política: com a tradicional tendência de retraimento político-militar dos EUA, a ponto de permitir perturbações políticas perigosas à democracia ocidental, no Caribe e na América Central, em fins de 1970.

Mas, se em outras épocas, esse retraimento não afetou a balança do Poder Mundial, dessa vez provocou desequilíbrios sérios, ante às agressivas investidas da URSS na sua doentia política de dominação mundial, no vácuo deixado pelo recuo estadunidense.

As implicações imediatas foram:

— o maior reflexo da forte Vontade

Nacional soviética ante os países do Terceiro Mundo, da Ásia e da África;

— em consequência, a abertura da China com relação aos EUA e às outras potências ocidentais, encerrando seu isolamento;

— a perspectiva (sempre temida) de uma aliança da China Popular (RPC) com o Japão, que, tudo indica, decidiu, acertadamente, se rearmar;¹³

— o fortalecimento da aliança européia das nações ocidentais; a Europa Ocidental cresce novamente como potência atuante, recuperando parte de sua independência política nas questões mundiais, e

— a emergência de potências regionais (antes obscurecidas) na tentativa de ocupar alguns espaços vazios.

Nesse complexo contexto se apresenta o Mundo na década de 80. Tão mais complexo se considerarmos que ao retraimento político estadunidense, correspondeu um enfraquecimento de seu poderio nuclear¹⁴, o qual, necessariamente, teria de ser compensado com novas forças de equilíbrio, geradas pelos próprios EUA ou por outras potências aliadas em condições de fazê-lo.

Antes de prosseguirmos, no entanto, façamos algumas especulações.

Os arsenais nucleares soviéticos e estadunidenses são altamente questionáveis. O holocausto nuclear consequente de seu emprego não encontra qualquer explicação sensata pela razão humana. Em outras palavras, a disponibilidade de vários milhares de ogivas nucleares, capazes de extermínio em massa, é totalmente irracional.

Mas elas são reais. Existem realmente.

O fato consumado, de que o controle desses artefatos esteja em mãos de duas

únicas potências, nos afigura como um fator de muito maior segurança do que se estivesse dividido entre mais potências. É um fator limitativo de seu emprego.

Entretanto, no caso de uma dessas superpotências fraquejar no confronto ou dele simplesmente desistir, o mundo estaria definitivamente à mercê da superpotência dominante. Se esta fosse os EUA, cremos nada dever temer de sua tradição democrática e de coexistência. Mas se fosse a URSS, tudo leva a crer que nos defrontaríamos com a opção única da subserviência a um regime totalitário dominado exclusivamente por uma elite estereotipada.

E nisso reside o problema. Na última década, dificuldades econômicas internas levaram os EUA a reduzirem o ritmo de seus gastos militares, provocando um desequilíbrio perigoso à segurança do mundo ocidental e de países não alinhados à URSS (é interessante admitirmos que uma crise semelhante na URSS, provavelmente não a afastaria sensivelmente de seus programas armamentistas).¹⁵

Conjecturemos:

Terá sido esse desequilíbrio incidental?

Não mais se repetirá?

O novo governo eleito dos EUA demonstra, por entrevistas e declarações de sua assessoria política e militar, estar decidido a recuperar o terreno perdido.

Mas, enquanto a URSS é impelida por uma ideologia de penetração mundial, questionemos novamente:

Está a decisão do futuro governo estadunidense apoiada em alguma ideologia igualmente tentadora ou em argumentos sólidos que traduzam uma vontade permanente de seu povo democrático?

A hegemonia de uma parte do mundo exige evidentemente sacrifícios do país que a detém — e é claro que demandará do restante do mundo o mesmo compromisso.

Estará o regime democrático dos EUA disposto a aceitá-los de forma consciente e constante?¹⁶

Uma incógnita.¹⁷

Dá a nossa concepção de Multipolaridade de Poder. Como o desequilíbrio é em nível nuclear, ela sugere com efeito, a emergência de novas Potências Nucleares que equilibrem a balança do Poder. Indiretamente, sugere também uma certa corrida armamentista.

Mas, se os EUA não estiverem decididos a se manterem "guardiães" das civilizações não-soviéticas, estas têm todo o direito de proverem a emergência de novas Potências Nucleares que estejam convictas e dispostas a complementá-los e mesmo substituí-los.

A estratégia "Aliança de Todos os Oceanos" exposta pelo professor Cline, sob a égide dos EUA, requer destes um sentido de cooperação internacional com os países amigos, em nível nunca anteriormente atingido. Cline é enfático: "Seu objetivo (da Aliança) não deve ser a hegemonia imperial, mas a dedicação a assegurar a segurança e o modo de vida político, econômico e social que os respectivos cidadãos de cada nação desejam".

Parece-nos algo como uma democracia a nível internacional, sob a liderança dos EUA, dentro da concepção da estratégia global da bipolaridade do Poder.

Mas, repetimos, essa estratégia global e, conseqüentemente, a "Aliança de Todos os Povos" só encontrariam respaldo enquanto os EUA se mantivessem iguais, superiores, ou ligeiramente inferiores à URSS em capacidade

nuclear. Caso contrário, a URSS não vacilaria em tirar proveito das circunstâncias favoráveis.

A concepção da "Bipolaridade do Poder" e da "Aliança de Todos os Oceanos" teria sido vã.

A URSS dominaria o mundo.

Deus seria varrido da face da Terra.

Mackinder teria sido um grande profeta.

Mas, vejamos como a "Multipolaridade do Poder" poderia oferecer instrumentos eficazes como fator dissuasório nesse confronto Leste-Oeste.

Primeiramente, cabe-nos conceituar "Multipolarização do Poder".

Não significa a divisão do Poder Mundial em vários Pólos de igual Poder.

Isso nos parece improvável. Os EUA e a URSS, em pouco mais de três décadas, desenvolveram e sofisticaram tanto seus arsenais nucleares que não nos parece evidente que alguma outra potência, seja a França ou a RPC, ou qualquer outro país detentor de toda a tecnologia nuclear, consiga igualá-los.

Parece-nos evidente que a hegemonia nuclear dos EUA e URSS permanecerá por prazo indeterminado, se não se autodestruírem no decorrer do tempo.

A conceituação da Multipolarização do Poder admite essa hegemonia. Mas admite também a existência de Potências Nucleares Médias, formadas por sentimentos de própria auto-defesa. Este deve ser o sentido da "Force de Frappe" de De Gaulle e dos esforços chineses no desenvolvimento de seu próprio arsenal nuclear. É possível que outras poucas potências médias surjam nas próximas décadas, a despeito do Tratado de Não Proliferação das Armas Nucleares, e das tentativas estadunidense-soviéticas de limitação e controle de seus próprios arsenais atômicos (SALT-II).

E a chave da questão está exatamente na incapacidade das superpotências em controlar esses Tratados.¹⁸

Conseqüentemente, esse é o fator decisivo na concepção da Multipolaridade do Poder aqui enunciada.

Já não são mais os EUA, URSS, França, Inglaterra, Canadá, Japão, Alemanha Ocidental, RPC, Suécia, Suíça, Itália e Índia que possuem o domínio da tecnologia nuclear.

De acordo com Theodor H. Winkler, membro do Programa para Estudos de Segurança Internacional e Estratégica, sediado em Genebra, Suíça, mais 10 países podem ser relacionados como em vias de possuir capacidade suficiente para desenvolver seu próprio artefato nuclear. Seriam eles: Argentina, Brasil, Egito, Iraque, Israel, Líbia, Paquistão, África do Sul, Coreia do Sul e Formosa.

Sob o prisma geopolítico, todos esses países possuem alguma importância estratégica:

- Argentina e Brasil — o controle do Atlântico Sul e da Antártida;
- África do Sul — o controle da passagem do Cabo, comunicando três oceanos;

Egito, Iraque, Israel, Líbia — proximidades do Golfo Pérsico;

Índia, Paquistão, Formosa e Coreia do Sul — regiões periféricas da Eurásia oriental e sul (URSS).

Se aplicarmos, contudo, o conceito do Poder Perceptível de Cline, o quadro acima ficaria bastante modificado, pois a maioria não reuniria as condições básicas para se tornarem Potências efetivas. É o caso de Formosa, Israel, Coreia do Sul, Iraque, Líbia, Egito e África do Sul. Brasil, Índia, Argentina e Paquistão, no entanto, teriam possibilidades de atingirem o status de potências regionais na próxima década, principalmente o primeiro, já considerado por aquele autor como a terceira em Poder Perceptível do mundo, superior mesmo à RPC.

Ficariam, assim, definidas as peças do xadrez. Vejamo-las harmonizadas à concepção dos Polos de Poder (Fig. 2):

Polo Euro-americano — englobando a Europa Ocidental e os países da América do Norte — sem dúvida um dos polos de maior poder político, econômico e militar do mundo, com todas as nações

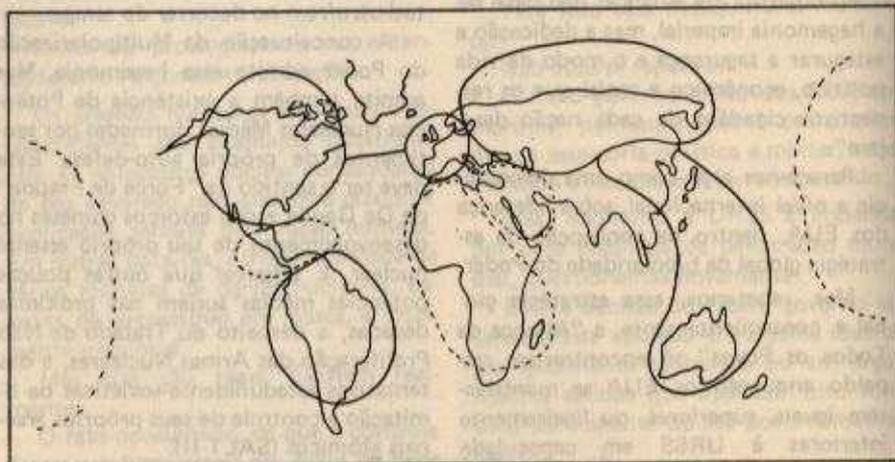


FIGURA 2

desfrutando de elevado padrão de vida (à exceção ainda do México);

Polo Latino-americano — um polo em formação, onde o Brasil e Argentina despontam como prováveis potências regionais a médio prazo; um polo de relativa estabilidade política, cujas nações, em seus esforços de desenvolvimento acelerado, encontram interesses comuns; Chile e Venezuela complementam com boas perspectivas, esse bloco emergente; sua força militar não é, no entanto, ainda, significativa em termos internacionais; a existência do Tratado de Tlatelolco pode criar embaraços ao armamento nuclear nessa região, já que simplesmente ele o impede;

Polo Australático — englobando a República Popular da China, o Japão e a Austrália; sem dúvida, um polo enigmático; ainda não podemos afirmar que o "trunfo chinês" comporá qualquer esquema de defesa anti-soviética; a recente abertura da RPC com o Ocidente e o Japão parece consistente e lógico, e há indícios reais de tender a se ampliar; a década de 80 confirmará essa suposição; entretanto, se aspectos multi-culturais puderem ser contornados e os diferentes interesses harmonizados, esses três países poderiam formar um Polo de Poder bastante poderoso.

Polo Eurasiático — desde a Europa Oriental até a extremidade oriental da Sibéria; um bloco monolítico sob o regime forte da ditadura do proletariado; é um dos polos de maior poder militar do mundo e determinado, por força de sua própria ideologia, à dominação mundial; e, por isso, contra ele, devem convergir os esforços dos demais polos; em sua periferia, orbitam países de tendências múltiplas: Índia e Vietnã a seu favor no momento; o Paquistão tendendo ao polo euro-americano; a década de 80 talvez

traga mais luz sobre essa periferia cambiante.

Além dos Polos de Poder acima concebidos, torna-se oportuno fazermos algumas considerações sobre quatro regiões geográficas que, basicamente produtoras de matérias-primas e relativamente desprovidas de Poder, vêm, contudo, assumindo importância crescente na geopolítica mundial:

Região do Oriente-Médio — o elo de três continentes, é a região mais instável do mundo em termos políticos e militares; nessa região, a mais rica em petróleo do Globo, conflitam-se interesses de toda a sorte, principalmente os de natureza econômica; dessa região flui o petróleo para o mundo, particularmente para o ocidental; nessa região se decide a existência de Israel; nessa região se disputa a hegemonia do mundo islâmico; é um barril de pólvora a explodir os arsenais nucleares; uma região vulnerável às pressões exercidas pelas grandes potências.

Região Africana — contínua à anterior, sendo uma região heterogênea por sua multiformação étnica e cultural; é também politicamente instável, por ser formada de nações jovens, recém-libertadas do colonialismo europeu e por terem as fronteiras políticas definidas aleatoriamente pelas antigas metrópoles, sem considerarem fatores geográficos, étnicos, culturais, econômicos; é uma região de inexpressivo valor militar, a despeito de alguns países relativamente armados ao norte e da África do Sul, em vias de deter toda a tecnologia nuclear.¹⁹

Região Centro-Americana — formada pela América Central e as ilhas do Caribe; um elo entre os dois continentes americanos, o ponto de encontro entre as civilizações latinas do sul e as anglo-

saxônicas do norte; a despeito das perturbações políticas por que passa periodicamente, é uma região bem menos instável que as anteriores, seja pela maior maturidade já atingida, seja pela proximidade dos Polos Euro-americano e Latino; a presença de uma Cuba marxista na região e suas constantes tentativas de infiltração em países próximos produzem agitações localizadas que exigem certa atenção dos polos vizinhos; é uma região que tende a ser absorvida pelo polo latino, à proporção que este acumular maior Poder, em futuro não muito distante.

Região do Pacífico — formada pelos inúmeros arquipélagos do Oceano Pacífico Central e Sul; uma região relativamente inexpressiva, mas que evoluirá em importância política, à proporção que o equilíbrio for sendo alcançado nas demais regiões; é uma região de grande valor estratégico entre o leste e o oeste.

Propositadamente, deixamos de constituir uma região específica, com as terras marginais do sul eurasiático, mais particularmente com a Índia e o Paquistão, países cujo antagonismo latente, vem forçando, de cada um, a tendência de maior comprometimento político a um dos Polos de Poder: a Índia com a URSS e o Paquistão, aos EUA.

Entretanto, a fluidez com que os eventos políticos se sucedem naquela área torna o quadro bastante indefinido, principalmente se atentarmos para o que aparenta ser um esforço dirigido da URSS para impedir o expansionismo chinês no sudeste asiático, fortalecendo as pretensões hegemônicas vietnamitas no Laos e Camboja e consolidando sua influência na Índia, estendendo, dessa forma, significativamente, o Polo Eurasiático descrito anteriormente.

Por outro lado, não devemos esquecer o fato de ser a Índia um membro da Comunidade Britânica, juntamente com a Austrália e o Paquistão. E é possível — e isto dependeria decisivamente do interrelacionamento interno dessas nações dentro da Commonwealth — que esses três países caminhassem futuramente para a formação de um novo Polo de Poder (um Polo Índico), de certa forma desmembrado do Australático, citado anteriormente, com a saída da Austrália. A RPC, o Japão e, provavelmente, o Vietnã, e mesmo a Indonésia, neste caso, passariam a configurar um Polo Asiático genuíno (Fig. 3).

Do que até aqui foi exposto, resumindo, conseguimos identificar quatro (e possivelmente cinco) Polos de Poder e caracterizar quatro Regiões fornecedoras basicamente de matérias-primas.

Nessas Regiões, os Polos de Poder se encontram, cada qual na defesa de seus próprios interesses, principalmente econômicos.

Como tais interesses são normalmente conflitantes, surge forçosamente um certo grau de instabilidade política nas Regiões, concorrendo para isto outros tipos de pressões (culturais, ideológicas, militares) concentradas nos objetivos fixados pelos diferentes Polos de Poder.

A instabilidade regional assim gerada, pela ativa participação de vários Polos de Poder, desvincularia das Superpotências a concepção básica da estratégia da bipolaridade, obrigando-as ao desenvolvimento de várias estratégias menores, regionalizadas, para fazer frente às manobras, certamente insinuantes, das Potências menores, na tentativa de melhor repartição das riquezas e do próprio equilíbrio de Poder.

A emergência de Potências Nucleares Médias será uma consequência natu-

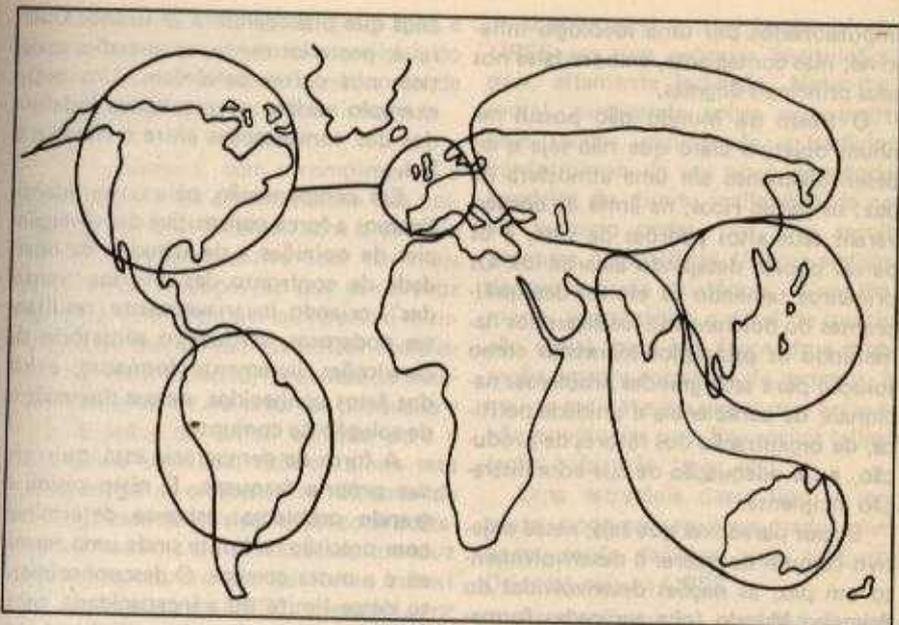


FIGURA 3

ral da consolidação das Potências Médias Regionais e de suas evoluções no cenário mundial, em face dos inevitáveis conflitos fermentados na defesa de seus interesses nacionais, nas mais diversas regiões, à proporção que as novas forças liberadas pelo desenvolvimento reclamem por novos campos de aplicação.

Um mundo instável, mas multipolarizado em poder, com responsabilidades e vantagens repartidas, mesmo a níveis diferentes, parece-nos contribuir mais para a paz mundial, que a mesma instabilidade, patrocinada somente por duas superpotências, onde a momentânea fraqueza de uma poderá ser o incentivo para a outra, à ambição do domínio mundial.

A primeira suposição encontra, entretanto, um contra-argumento sério. A existência de potências nucleares médias aumenta o risco de um tipo qualquer de guerra nuclear, mesmo limitada e de baixa intensidade, pelo confronto de duas

ou mais dessas potências. Não há dúvida de que esse risco existe. Mas achamos que as conseqüências advindas seriam bem menos graves e mais suportáveis que as provindas da confrontação direta entre as duas superpotências (o holocausto nuclear). Além disso, seus efeitos materiais e psicológicos mostrariam claramente ao mundo a total irracionalidade do emprego do armamento nuclear, e, sobretudo, evidenciariam de forma irretorquível as falhas e as fraquezas humanas. Qualquer conjectura além desse nível nos conduziria ao estágio da loucura generalizada. Nessas circunstâncias, o holocausto estaria justificado.

A AUTODESTRUIÇÃO DO MONOLITISMO SOVIÉTICO

A URSS conduz sua política externa e sua estratégia expansionista de forma clara, coerente e sobretudo constante. Seus anseios de dominação mundial são

impulsionados por uma ideologia inflexível, mas contagiante, embora falsa nos seus principais dogmas.

O Resto do Mundo não possui nenhum objetivo claro que não seja o do desenvolvimento em uma atmosfera de paz: os países ricos, na ânsia de conservarem seus altos padrões de vida, e os países pobres desejando alcançá-los. Os primeiros temendo os efeitos desequilibrantes do bolchevismo; os segundos namorando os princípios marxistas como solução para seus grandes problemas nacionais, de consciência e unidade política, de organização dos fatores de produção, e de adequação de sua administração incipiente.

E, por paradoxal que seja, nesse objetivo comum de querer o desenvolvimento em paz, as nações desenvolvidas do Primeiro Mundo (que agregadas formaram um bloco de poder econômico inigualável) nem sempre auxiliam os do Terceiro Mundo (que agregadas somariam o maior índice de pobreza) no nível aceitável às suas aspirações, deixando-as à mercê da demagogia onipresente do comunismo.

Nessa desuniformidade de ação do mundo não-soviético transparece toda a fragilidade do sistema democrático entre as nações. E evidencia toda a sua força.

A democracia se nos assemelha a uma moeda de duas faces. Por uma, identificamos diferentes interesses econômicos, estratégias e políticas nacionais, gerando, muitas vezes, atitudes conflitantes ou divergentes, pretensivas ou egoístas, configurando um conjunto heterogêneo e fragmentado, incapaz, pela própria natureza do sistema, de uma união ou associação que lhe dê consistência. Como exemplo, citamos a débil e infrutífera política de apaziguamento dos Aliados ante as agressões militares nazistas nos

anos que precederam a 2ª Grande Guerra e, posteriormente, as agressões soviéticas nos países balcânicos. Um outro exemplo seriam os resultados indefinidos das conversações entre o Norte e o Sul.

Em compensação, pela outra, identificamos a força construtiva das divergências de opiniões e de atitudes, da liberdade de confronto das diversas "verdades", criando invariavelmente resultantes poderosas, verdadeiro somatório de convicções livremente formadas, à luz dos fatos conhecidos, de sua discussão e da solução de conjunto.

A força da democracia está, pois, em sua própria fraqueza. E nisso reside o grande problema: saber-se determinar com precisão, o limite onde uma termina e a outra começa. O desconhecimento desse limite ou a incapacidade, mesmo temporária, de se identificá-lo é que transmite à democracia a aparência de debilidade. Por esta brecha, então, penetram as ilusões das ditaduras obcecadas pelo sentimento de poder e de domínio. E são capazes de feitos brilhantes como os de César e de Alexandre, e, mais recentemente, de Hitler e Mussolini.

Mas as ditaduras de firmes decisões e vontades, de grandes demonstrações de poder político e militar, na realidade, são muito mais frágeis em sua essência, pois, tendem com o tempo a se enfraquecerem, seja pelas dissensões internas, seja pelos descontentamentos de massa, seja pelos movimentos subterrâneos de resistência, minando as bases em que se apoiaram. Sem opções, sem flexibilidade em seus rígidos sistemas, as ditaduras caem, se autodestroem, se desintegram, sucedendo-lhes períodos violentos e conturbados pela disputa do poder vacante, por grupos políticos de diferentes tendências.

Por esse motivo, acreditamos que, a despeito do forte controle policial do Estado, o monolitismo soviético tende à ruptura por duas direções distintas:

— a primeira, com o rompimento, a desagregação ou afrouxamento dos países da Europa Oriental com a própria URSS; essa perspectiva será tão mais fortalecida, à proporção que os reflexos da crise de energia por que passa o mundo ocidental atinjam os países socialistas do leste europeu, provocando desequilíbrios sérios no setor da produção e distribuição, de difícil solução para a economia soviética; reforça ainda essa perspectiva o crescente sentimento de "fadiga mental e física" a que toda a ditadura (mesmo a do proletariado) conduz seu povo, controlado de forma inflexível (e no caso da URSS, alienado), por quase meio século de abstenções, marginalizações e esquecimento; é fortalecida ainda pela simples comparação dos padrões de vida e de liberdade com os países do ocidente europeu que lhes estão mais próximos; o desequilíbrio na Europa Oriental repercutiria amplamente dentro da própria URSS;

— a segunda, nascendo dentro do próprio território soviético, pelas mesmas causas apontadas, mas forçando o sistema à reformulação de princípios e doutrinas; nesse particular, a campanha dos "Direitos Humanos" movida pelo mundo democrático e o apoio sub-reptício aos "dissidentes" do sistema tenderão a apresentar dividendos, se conduzida com constância e coerência; é igualmente importante que a URSS seja forçada a dispender larga margem de recursos em outros fins que não sejam os de satisfação das necessidades básicas de seu povo e o bem-estar de sua imensa e heterogênea população.

Manter uma estratégia de atingir a URSS em suas próprias instituições é, pois, altamente indicado. Minar-lhe o moral, carregando sobre suas instituições sociais, explorando o tradicional conformismo de seu povo, acenando a bandeira do direito inalienável de cada ser humano poder, por livre escolha, procurar o equilíbrio físico e espiritual de sua própria existência. Minar-lhe o moral, aumentando o nível de insatisfação social, para isso forçando a mobilização sempre crescente de recursos, humanos ou materiais, em outras áreas que não as voltadas para fins sociais (alimentação, habitação, lazer, etc).

Uma estratégia desse tipo, a longo prazo, pode conseguir resultados animadores, senão decisivos, seja na Europa Oriental, seja na URSS.

As manifestações grevistas do proletariado na Polônia, iniciadas em outubro último e que se prolongam em seus reflexos até os nossos dias, parecem comprovar a suposição. A despeito do forte controle policial, é provável que a Tchecoslováquia e a Romênia (e possivelmente os demais países balcânicos) enfrentem as mesmas reações. Diferentemente da época em que ocorreu o movimento conhecido como a "Primavera de Praga", uma revolta liberal tcheca esmagada pelos tanques soviéticos, dessa vez, a URSS, desgastada por uma ocupação militar desastrosa no Afeganistão, sente-se temporariamente contida em nova intervenção direta. Mas, sem dúvida, que o fará, se sentir ameaçados os princípios fundamentais de seu comunismo imperialista, a despeito das veladas ameaças dos EUA e OTAN de adotarem represálias.

Muito recentes para avaliações mais seguras e conclusões, esses acontecimentos poloneses, contudo, deixaram bem

claro dois aspectos importantes e que não devem ser subdimensionados:

— o recuo do governo comunista ante as exigências do proletariado em sua conquista do Sindicato da Solidariedade, independente da orientação do Partido Comunista; e a aparente associação desse governo à nova situação;

— a presença da Igreja Católica junto ao governo comunista nas celebrações de 16 de dezembro em Gdansk, por ocasião da inauguração do monumento aos operários mortos em manifestações grevistas em 1970; ao nosso ver, este fato deve ser estudado como uma demonstração pública da Igreja — uma das inspiradoras dos movimentos grevistas — da força espiritual do povo polonês e de seu caráter profundamente religioso; e não, como a princípio pode parecer, como um sinal de que a Igreja e o Comunismo podem coexistir pacificamente — isto nos pareceria um paradoxo.

Dentro de nossa suposição, tais fatos evidenciariam um certo "afrouxamento" do rígido sistema soviético, cedendo parte do controle centralizado a outros tipos de pressões que não as impostas pelo Partido Comunista.

Os seres humanos são semelhantes em todas as regiões da Terra, embora guardem entre si individualidades distintas. Os grupos sociais também. As mesmas aspirações das sociedades ocidentais são bastante semelhantes às do mundo marxista. Todos anseiam a liberdade de viver em um mundo sensato, sem excessos, onde a felicidade de um grupo é nivelada à do outro, guardadas as diferenças culturais.

Tanto é nocivo à civilização o excessivo liberalismo "permissivista" da sociedade ocidental, como o excessivo comportamento "uniformista" do mundo

comunista. Nem anarquismo, nem "formiguismo".

A autodesintegração do monolitismo soviético parece-nos, pois, uma realidade que só dependerá do tempo.

Mas virá.

CONCLUSÃO

Por oportunidade, julgamos ter reunido e de forma sucinta exposto, alguns argumentos que inviabilizam a tese de Mackinder sobre o controle do mundo pelo "heartland" eurasiático:

- a revolução tecnológica;
- a guerra nuclear;
- a instabilidade como fator de contenção;
- a autodesintegração do monolitismo soviético.

Pela revolução tecnológica, vimos como o desenvolvimento das comunicações, dos transportes, do armamento, e de inúmeros outros setores das atividades humanas, vieram, em quase um século, alterar profundamente o nível das possibilidades humanas. O relativo "estaticismo" do início do século foi substituído pelo dinamismo e pela precipitação.

A perspectiva do holocausto nuclear, possibilitado pelos imensos arsenais nucleares estadunidenses e soviéticos, gerou um impasse no equilíbrio de poder, contendo ou sofrendo o expansionismo soviético em várias regiões do Globo, dentro da ampla estratégia da Internacional Comunista.

Por esse prisma, parece-nos impossível ou remotamente possível uma perspectiva de dominação mundial por qualquer das duas superpotências. Além disso, o surgimento de potências médias regionais, sugerindo uma espécie de multipolarização do poder, aumentou signifi-

cativamente a probabilidade de instabilidades regionais e de conflitos limitados e de curta duração, pelos quais as superpotências, indiretamente, podem prosseguir em suas disputas de poder. Mas é a consolidação destas potências médias que altera a repartição desse poder, constituindo-se em fator ponderável na contenção hegemônica por um único país e reduzindo, em conseqüência, a ameaça do holocausto nuclear em caso de sensível desequilíbrio nuclear.

Consideramos finalmente o aspecto negativo do sistema político comunista e sua ideologia, "onde a ditadura do proletariado floresceu por cima da liberdade e dos direitos do homem. À proporção que os insucessos do sistema afetaram as diversas atividades sociais, acreditamos que o sentimento de frustração e desencanto consiga abalar a rígida estrutura política, fragmentando o monolitismo do bloco soviético, enfraquecendo-o em suas pretensões de dominação mundial.

Teríamos vencido Mackinder.

Referências

- 1 - Sir HALFORD JOHN MACKINDER (1861-1947) nasceu em Lincolnshire na Inglaterra. Em 1904 expôs em conferência no Royal Geographical Society em Londres, o seu ensaio "The Geographical Pivot of History". Em 1919 publicou um livro, "Democratic Ideals and Reality" em que reforçou a tese do "heartland" exposta anteriormente.
- 2 - Do artigo da professora Therezinha de Castro: "Geopolítica do Poder Mundial"
- 3 - No ano em que Mackinder apresentou seu ensaio, 1904, era crença generalizada na Europa de que não havia na Ásia nenhuma nação capaz de enfrentar com sucesso qualquer potência ocidental. A derrota da Rússia para o Japão em 1905, além de causar incredulidade no mundo, projetou o Japão como uma das maiores potências navais da época.
- 4 - A derrota russa em 1905 para o Japão e o conseqüente controle por este do sul da Manchúria e da Coréia, desviaram os interesses russos do oriente para os Bálcãs, onde entrariam em conflito com os da Alemanha e os da Áustria, caracterizando uma das causas da 1ª Grande Guerra.
- 5 - Ver Referência 3.
- 6 - Em seu livro "O Ano 2000", Hermann Kahn e Anthony Wiener fizeram elaboradas considerações sobre diversos "cenários" possíveis no interrelacionamento entre as nações pela disputa do poder no ano 2000.
- 7 - Ver Conferência do professor Ray S. Cline proferida no Seminário Internacional de Política e Estratégia, promovido pela Organização Convívio e realizada em novembro/79 em S. Paulo.
- 8 - Antes da 2ª Grande Guerra, a Indonésia, possessão holandesa, por não ser a única opção para o Ocidente, tornou-se um objetivo secundário, relativamente desinteressante, ante a crescente ameaça japonesa na região.
- 9 - Entrevista do filósofo Alexis Philonenko ao jornal "O Globo": "A guerra total, que em minha opinião, já está acontecendo, a guerra do futuro, não é apenas um conjunto de ações militares. Ela é econômica, política, militar, usa todas as armas possíveis, espionagem, propaganda, ocupação e, sobretudo, esconde as tentativas hegemônicas de potência guerreira sob uma carapaça de pacifismo, cujo nome pode ser 'distensão, coexistência pacífica ou defesa dos interesses de nações amigas' "
- 10 - Ver artigo do professor Gerard K. Burke, "A Luta Contra O Inconcebível: A Guerra Nuclear Da Década De 80'".
- 11 - São típicas, as rápidas intervenções na Nicarágua, Honduras, Haiti e a própria guerra Hispano-Americana.
- 12 - Nesse contexto, são curiosamente estranhos os esforços dos EUA na criação da Liga das Nações, após a 1ª Grande Guerra, perante um mundo cheio de rancor e ressentimentos. Seu idealizador, o presidente Woodrow Wilson é, pois, considerado por historiadores e políticos, como um romântico, um idealista.

- 13—O rearmamento japonês é decisão relativamente recente, e definida no "Plano de Defesa de Médio Prazo" para o período 1980-1984.
- 14—O candidato eleito do Partido Republicano para a presidência dos EUA tem enfatizado em suas entrevistas a necessidade de aumentar o poderio militar estadunidense e de recuperar o prestígio político de seu país nas questões mundiais.
- 15—Certamente que o professor Ray S. Cline em sua avaliação do Poder Percipível das nações, conferindo um coeficiente inferior aos EUA, levou em consideração esse importante fator na estimativa da Vontade Nacional.
- 16—O povo americano já desfrutou do maior padrão de vida do mundo. Hoje em dia, foi suplantado pelos padrões europeus da Dinamarca, Suécia, Alemanha Ocidental e Suíça.
- 17—É interessante transcrevermos o pensamento de Quincy Wright:
"Numa época em que a democracia insiste em estender à influência da opinião pública, o controle dos assuntos exteriores tanto quanto aos assuntos locais, as nações democráticas não podem compe-

tir com êxito num mundo governado por princípios do equilíbrio do Poder."

- 18—Ver o artigo "Nuclear Proliferation in The Third World — problems and prospects for the 1980's" — de Theodor H. Winkler.
- 19—A fragilidade política e militar da África, a deixa impotente ante o choque de interesses das grandes potências. Uma guerra invisível, sutil, sem heróis guerreiros, ali se desenrola, vez ou outra, despertando a consciência internacional, através das guerras de libertação ou dos golpes de Estado. Nesse imenso continente, a URSS vem tentando penetrar (com certo sucesso) pelo norte e pelo sul, em um gigantesco movimento de pinças, cujas pontas deverão se encontrar ao norte do golfo da Guiné. Nessa ampla estratégia, o objetivo principal é o controle de alguma região da costa atlântica, entre a Nigéria e a Mauritânia, onde possa estabelecer bases aéreas e navais. Com uma posição geográfica de alto valor estratégico e com os meios militares adequados ficam definidas as condições básicas para o controle do Atlântico Sul. A esse respeito, é interessante acrescentar que a URSS já exerce alguma forma de influência na Guiné (Fig. 4).

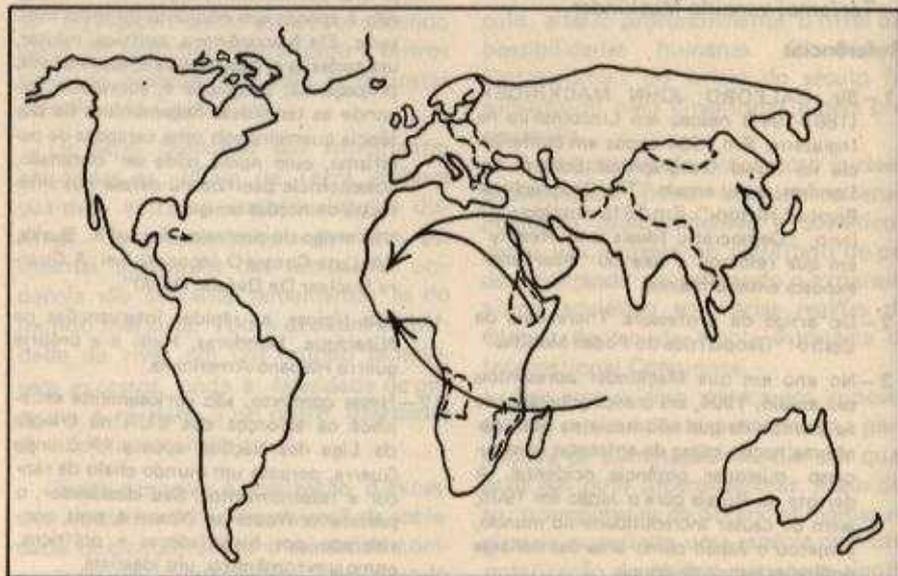


FIGURA 4

Bibliografia

Livros:

HART, Lidell — *History of the First World War* — Pan Books Ltd. London, 1972.

KAHN, Hermann e WIENER, Anthony J. — *O Ano 2000* — Tradução de Raul Paolillo — Edições Melhoramentos — Editora da Universidade de São Paulo — S. Paulo, 1968.

CAMINHA, João Carlos Gonçalves — *Delineamentos de Estratégia*. Serviço de Documentação Geral da Marinha. Rio de Janeiro, 1980.

BOUTHOU, Gaston e CARRÈRE, René — *O Desafio da Guerra* — Tradução do Cel. Francisco Fernandes de Carvalho Filho. Biblioteca do Exército Editora — Rio de Janeiro, 1980.

Artigos:

CASTRO, Therezinha — "Geopolítica do Poder Mundial" transcrito em *A Defesa Nacional* nº 689/80.

CLINE, S. Ray — "Avaliação do Poder Mundial" transcrito em *A Defesa Nacional* nº 688/80.

BURKE, Gerard K. — "A Luta Contra o Inconcebível" transcrito em *A Defesa Nacional* nº 682/80.

CÂMARA, Ibsen Gusmão — "O Pensamento Estratégico Brasileiro" transcrito em *A Defesa Nacional* nº 688/80.

VIDIGAL, Armando Ferreira — "O Emprego Político do Poder Naval" transcrito na *Revista Marítima Brasileira* nºs 4, 5, 6/80.

TAMBS, Lewis — "Como o Brasil joga o Xadrez Geopolítico" transcrito em *A Defesa Nacional* nº 686/80.

WINKLER, Theodor H. — "Nuclear Proliferation in the Third World" transcrito na *International Defense Review* 2/80.

PHILONENKO, Alexis — Entrevista ao jornal "O Globo", 1980.



O Capitão-de-Fragata Wintcess Villaça Barbosa de Godois é também Bacharel em Ciências Econômicas, pela Faculdade Cândido Mendes, e Bacharel em Ciências Administrativas, pela Faculdade Moraes Júnior. Em sua carreira militar tem os seguintes cursos: Escola Naval, Especialização de Submarinos, Básico de Comando da Escola de Guerra Naval, Comando e Estado-Maior de EGN. Entre suas principais comissões destacam-se: Comando do Submarino "Humaitá", Comando do NPA "Piraquê", Gerente de Reparo de Submarinos no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro e Instrutor de Submarinos.